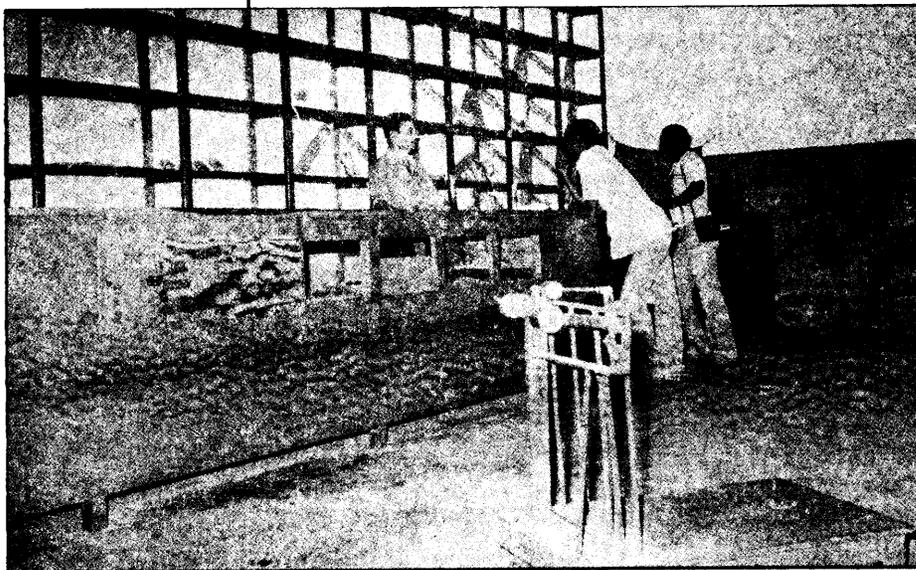


PEÇAS DO QUOTIDIANO

Morrumbala ainda está presente nas memórias da Zambézia como o «paraíso» aonde, idos de vários pontos, os viajantes passavam fins-de-semana com carne de caça e doméstica, aliviando a superabundância da produção agrícola e de pequenas espécies. O maior da província da Zambézia, situado num ponto alto e com alto índice de pluviosidade, este distrito é de terras de uma generosidade sem limites. Meio a brincar, os habitantes dizem que «se enterras uma pedra durante a noite no dia seguinte tens uma montanha».

Não foi, assim, uma casualidade que o banditismo tivesse concentrado a sua atenção neste distrito, onde aliás instalou a sua «base central provincial». Em conversa com camponeses nas aldeias visitadas sobre a vida anterior à acção inimiga, a contagem de números de cabritos e porcos pertencentes a cada família oscilava entre os 20, 30 ou mais; pergunta embaraçosa era sobre galinhas, patos e pombos, cuja conta não houve um único que



José Vicente Antão ao balcão do seu estabelecimento ...



.. «a população tem produtos mas não os vende. Quer troca»

nos soubesse dizer: «eram muitos», afirmavam, simplesmente.

Grande parte desta riqueza familiar desapareceu, dizimada por sadismo simples ou pela voracidade dos bandidos. As cabeças de gado bovino, que o Secretário de Economia do distrito estima que fossem da ordem dos quatro mil (também ouvimos estimativas de sete mil), as que escaparam vagueiam hoje pelas cerradas matas que forneciam a rica e variada madeira de Morrumbala, «em estado semi-selvagem».

Esbatida agora a memória dos tempos em que «todos desconfiavam de todos», em que as noites eram passadas no mato enquanto o capim invadia casas e escolas, Morrumbala volta a pôr a sua potencialidade às mãos dos homens. No lugar do capim está o milho, a mandioca e a batata-doce. Despreocupados, os homens vagueiam agora pelas tembas às escuras até altas horas da noite bebendo cerveja de mapira e confraternizando, aos fins-de-semana, ao som do tambor.

A excepcional produção de milho este ano torna ainda mais sombrias as expectativas quanto ao futuro, uma vez que o mesmo diesel que falta nos candeeiros desde finais do ano

passado falta também na moageira, onde o cereal seria transformado em farinha. Por falta de diesel é que a Central Eléctrica está parada e o viajante em Morrumbala é obrigado a ir para a cama às 19 horas.

«É uma situação aflitiva» diz José Vicente Antão, 47 anos, comerciante radicado no distrito há 23. Proprietário de uma loja — que só têm as prateleiras — dum bar e duma moageira, José Antão afirma que o último abastecimento, efectuado em finais do ano passado, «vendi-o em pouco menos de duas horas». Em Janeiro deste ano deslocou-se pessoalmente a Quelimane, «onde consegui diesel e um carro



Estalagem Buque: «a estrada é que nos dava clientes»

cedido pela defesa para o transporte». O carro avariou-se antes da partida e não avançou: «ainda bem» afirma «pois se tivesse vindo teria ficado na emboscada em que ficaram os outros oito camiões».

A sua situação não difere da de outros comerciantes que, pontualmente, todas as manhãs, escancaram as portas, puxam um banco e vão cumprimentando os que passam, sentados à porta da loja. José Vicente Antão, mesmo assim, considera-se um feliz pelo facto de «não ter que pagar renda de casa, porque ela é minha».

Coisa que se não pode dizer em relação ao corpo gerente da Estalagem Buque, única em funcionamento na sede distrital, com 13 camas. Dos tempos em que «havia gente até a pedir para dormir nas cadeiras, sentada» Alfredo William Chauque e Inácio Lucas Novel referem agora o facto de que «às vezes ficamos um mês sem receber um cliente». É uma

situação que chega ao paradoxo, pois «se os clientes nos são necessários para pagar os 7300,00 MT de renda de casa, a sua vinda coloca-nos o problema de como alimentá-los».

Comida há em Morrumbala e muita. O que falta é o sal e a capulana com que fazer a troca. Ciente de que «a única saída para isso é o abastecimento», José Vicente Antão iniciou-se na criação de galinhas, patos e porcos com que garante almoços e jantares no seu bar, todos os dias. «Esta terra é rica, tenho aqui as minhas economias e é aqui que vou morrer», afirma.

Não há como negar. Na segunda semana de Fevereiro começavam as aulas. A habitualmente mole avenida principal da sede distrital encheu-se de grupos barulhentos de miúdos para cima e para baixo, transportando capim para a cobertura das suas velhas salas de aula. E em Abril começam as colheitas...

F. Manuel



Enquanto se espera pela pista do «Antonov» e se sonha com o helicóptero, a ligação é feita de avioneta: «às vezes ficamos dois meses sem vê-la»